

Porto-Alegre, 2 de julho de 1934

Caro Minuano

Escrevo-te estas linhas não só para renovar-te as minhas congratulações pela conduta combativa que tens tido, mas também para fazer-te chegar a minha voz de companheiro e amigo no caso criado pela renúncia dos nossos representantes.

Começarei fazendo-te notar que eu também sou contrário á projetada renúncia. Não me parece que ela se justifique suficientemente em face da prorrogação, por mais alguns meses, do funcionamento da Assembléa Constituinte. Mas não é propriamente do mérito da questão que se trata agora, pois o assunto já foi resolvido pelo poder competente (a Comissão Mista e o Diretório do P. L.), a resolução tomada acaba de ser mantida pela C. M., e o nosso ponto de vista está vencido. Nada mais nos resta senão curvarmo-nos ao deliberado.

Dirás, porém, que a solução adotada trará prejuízos. De acôrdo. Mas muito maiores serão os malefícios de um ato de rebeldia e indisciplina, que nos mostrará aos olhos de adversários e aliados como corroidos por dissensões intestinas. Nem creio que, conhecedor como és da psicologia do nosso partido, possas ter ilusões sobre o acolhimento que teria tal gesto. O maior de todos nós que se opusesse formalmente a uma resolução regularmente tomada pela direção partidária não escaparia ao anátema do nosso grémio.

É, pois, como correligionário e amigo que te faço um caloroso apêlo para que aceites a resolução assentada, boa ou má que seja. O mais que podemos e devemos fazer, em semelhantes conjunturas, é ressaltar a nossa responsabilidade pessoal.

Certo de que levarás a bem estas considerações, aqui te deixo o meu cordial abraço.